



Projeto Temático Letramento do Professor

www.letramento.iel.unicamp.br

Processos de retextualizações: produção e compreensão dos gêneros do discurso científico por professores em formação

Aluna: Paula Baracat De Grande
Orientadora: Profa. Dra. Angela B. Kleiman

O artigo retoma o percurso de minha pesquisa de Iniciação Científica iniciada no segundo semestre de 2004 com a produção do projeto *Retextualização e Compreensão de Gêneros do Discurso Científico por Professores em formação*, orientado pela Profa. Dra. Angela Kleiman.

O corpus, formado por 151 relatórios de leitura produzidos por 18 alunos do quinto semestre de um curso de Letras de uma faculdade do interior de São Paulo sem tradição anterior de pesquisa, suscitou questões que envolvem tanto a compreensão de textos dos gêneros do discurso científico como também a produção de retextualização por parte dos alunos.

Os relatórios são entendidos como retextualizações (Matencio, 2002), produzidos por um processo em que se parte de um texto-base, escrito ou oral, pertencente a um determinado gênero – no caso, gêneros do discurso científico –, e, posteriormente, reverte-se seu conteúdo semântico a um novo texto – o relatório de leitura. Baseamo-nos também na gravação de duas aulas dadas posteriormente a esses sujeitos sobre essa produção.

A análise inicial das retextualizações e de seus textos-base mostrou coincidências interessantes que apontam para as cópias de trechos do texto de referência em que há a definição de um conceito não conhecido a partir de outro mais familiar. Após levantamento e análise dessas cópias, observamos que, na maioria dos relatórios, havia uma voz única (a do relator), não sendo explicitado o autor do texto-base e outros autores a que este fazia referência. Assim, nossa atenção voltou-se para uma outra questão sobre como o gerenciamento das diferentes vozes, constantemente presentes nos gêneros do discurso científico, era compreendido e manipulado pelos alunos na produção dos relatórios de leitura.

O gerenciamento de vozes pode ser refletido no uso dos verbos *discendi* e dos discursos relatados. Ao comparar o uso de verbos *discendi* em textos dos gêneros do discurso científico de especialistas na área de lingüística (Oliveira, 2004) com o uso dos professores em formação,

percebemos que o gerenciamento de vozes mostra-se muito complexo a estes, que se utilizam pouco das estratégias para retomar o discurso do outro e não variam as expressões para introduzir a voz do outro.

Além disso, são encontrados verbos não utilizados no corpus de resenhas de especialistas, como *ensinar, nos fazer compreender, dever, deixar claro*, que implicam que o conhecimento presente no texto lido está pronto, é verdadeiro, para ser seguido. Ou seja, nas retextualizações, o texto científico é apresentado como portador de um conhecimento de natureza didática, a ser aprendido. Na medida em que a análise avançou na questão do gerenciamento de vozes, chegou-se a uma outra hipótese: a dificuldade de gerenciar vozes se origina de uma outra, que seria a não percepção dos traços que distinguem a natureza de um texto dos gêneros do discurso científico, que é polêmico, dos textos do discurso didático, em que o caráter dialógico e polêmico dos enunciados é, ao máximo, reduzido.

Há marcas nos relatórios que comprovaram essa hipótese. A primeira delas é o uso do tempo verbal presente simples, que costuma expressar uma verdade atemporal, como nos provérbios (em boca fechada não entram moscas) ou em expressões habituais (ele fuma) ou em verdades infinitas (os planetas giram em torno do sol). Nos relatórios, o presente indica algo que não ocorre exatamente no momento da fala, mas que pode ser verdadeiro em qualquer momento, independentemente de quando é enunciada.

Também é recorrente o uso de verbos como *devemos*, indicando que algo precisa ser feito, aprendido, como se o autor do texto impusesse o conteúdo do texto, ordenasse que este deveria ser seguido pelo leitor. Outra marca que nos chama a atenção é o uso do verbo *ensinar*, o que mostra a compreensão do conteúdo como algo que deve ser aprendido, como se o texto apresentasse um conhecimento certo, indiscutível.

As análises nos levaram a uma última questão: afinal, em que gênero esses alunos produzem os relatórios?

O que notamos ao analisar o conjunto de relatórios produzidos pelos professores em formação é o constante uso de estratégias de cópia e apagamento de partes do texto-base, não só nos trechos de definição de um conceito novo. Essa estratégia é considerada a mais simples no processo de sumarização. Sustentamos a hipótese de que essa estratégia usada em todos os relatórios – mesmo que em diferentes níveis – demonstra a insegurança dos alunos em relação a que fazer diante da atividade proposta. Sem o conhecimento do gênero *relatório*, os sujeitos

optaram por seguir a estratégia que mais comumente se liga à idéia de resumo desde as primeiras séries do ensino.

Acreditamos que a dificuldade de produzir textos acadêmicos, como relatórios, resumos, resenhas etc, vem da falta de ensino sistemático desses gêneros em qualquer estágio de ensino. . Seria pertinente discutir sobre o gênero *relatório* e outros gêneros acadêmicos, suas características, seus lugares de circulação, ou seja, um ensino sistemático para que os alunos possam produzir textos nessas esferas de atividades de maneira segura e eficaz.